

Título original  
CHAGRIN D'ÉCOLE

Copyright © Éditions Gallimard, 2007

Direitos para a língua portuguesa reservados  
com exclusividade para o Brasil à  
EDITORA ROCCO LTDA.  
Avenida Presidente Wilson, 231 – 8º andar  
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ  
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001  
rocco@rocco.com.br  
www.rocco.com.br

*Printed in Brazil* / Impresso no Brasil

preparação de originais  
CARLOS NOUGUÉ

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

P461d Pennac, Daniel, 1944-  
Diário de escola / Daniel Pennac; tradução de Leny  
Werneck. – Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

Tradução de: Chagrin d'école.  
ISBN 978-85-325-2372-3

1. Pennac, Daniel, 1944-. 2. Escritores franceses –  
Biografia. 3. Educação – França. I. Werneck, Leny.  
II. Título.

08-2863

CDD-848  
CDU-821.133.1-94

Há a chamada da manhã. Escutar o seu nome pronunciado pela voz do professor é como um segundo despertar. O som do seu nome às oito da manhã tem vibrações de diapasão.

– Não consigo me decidir a deixar de lado as chamadas, sobretudo a da manhã – explica-me outra professora, de matemática desta vez –, mesmo quando estou com pressa. Recitar uma lista de nomes como se contam carneiros não é possível. Eu chamo a minha galera olhando-os, eu os acolho, eu os *nomeio* um a um e escuto a resposta. Afinal, a chamada é o único momento do dia em que o professor tem ocasião de se endereçar a cada um dos seus alunos, ao menos pronunciando o seu nome. Um curto momento em que o aluno deve sentir que ele existe aos meus olhos, ele e não outro. Quanto a mim, procuro, tanto quanto possível, captar seu humor pelo som que faz o seu “Presente”. Se a voz vacila, vai ser preciso, eventualmente, levar em consideração.

A importância da chamada...

Meus alunos e eu tínhamos uma pequena brincadeira. Eu os chamava, eles respondiam, e eu repetia o “Presente” deles à meia-voz, mas no mesmo tom, como um eco distante:

- Manuel?
- Presente!
- “Presente.” Laetitia?
- Presente!
- “Presente.” Victor?
- Presente!
- “Presente.” Carole?
- Presente!
- “Presente.” Remi?

Eu imitava o “Presente” contido de Manuel, o “Presente” claro de Laetitia, o “Presente” vigoroso de Victor, o “Presente” cristalino de Carole... Eu era o seu eco da manhã. Alguns se aplicavam a tornar suas vozes o mais opacas possível, outros se divertiam em mudar de entonação para me surpreender, ou respondiam “Sim”, ou “Estou aqui”, ou “Sou eu mesmo”. Eu repetia, baixo, a resposta, qualquer que fosse, sem manifestar espanto. Era o nosso momento de convivência, o bom-dia matinal de uma equipe que ia se engajar no trabalho.

Já meu amigo Pierre, professor em Ivry, não faz nunca a chamada.

– Enfim, duas ou três vezes no começo do ano, o tempo de conhecer seus nomes e seus rostos. Melhor passar logo para as coisas sérias.

Os alunos dele o esperam em filas, no corredor, diante da sala de aula. Por todas as partes, no colégio, há corre-corre, nomes soltos no ar, cadeiras e mesas empurradas, espaços invadidos, volume sonoro saturado. Pierre espera que as filas se formem, então abre a porta, espera que rapazes e meninas entrem um a um, troca aqui e ali um “Bom-dia” casual, fecha a porta, se dirige a passos comedidos para a sua mesa, os alunos esperando atrás de suas cadeiras. Ele pede que se sentem, e começa: “Bom, Karim, onde é que nós estávamos?” Sua aula é uma conversação que se retoma lá onde ela tinha sido interrompida.

Pela gravidade que ele põe na sua tarefa, a afetuosa confiança que seus alunos sentem por ele, por sua fidelidade, quando se tornam adultos, eu sempre vi meu amigo Pierre como uma reencarnação do tio Jules.

– No fundo, você é o tio Jules do Val-de-Marne!

Ele solta uma de suas gargalhadas:

– Você tem razão, meus colegas me tomam por um professor do século XIX! Acreditam que eu coleciono as marcas do respeito exterior, as filas, os garotos atrás das cadeiras, esse gênero de coisas que guardam uma nostalgia dos tempos antigos. Pense bem, isso nunca fez mal a ninguém, um pouco de cortesia, mas nessa situação

se trata de outra coisa: instalando meus alunos em silêncio, dou a eles tempo para aterrissar na minha aula, para começar com calma. Do meu lado, fico examinando seus rostos, anoto os ausentes, observo os grupos que se formam e se desfazem; enfim, tomo a temperatura matinal da turma.

Nas últimas horas da tarde, quando nossos alunos caíam de cansaço, Pierre e eu praticávamos sem saber o mesmo ritual. Pedíamos a eles que escutassem a cidade (ele, Ivry, e eu, Paris). Seguiam-se dois minutos de imobilidade e de silêncio em que o alarido lá de fora confirmava a paz dali de dentro. Nessas horas, dávamos nossas aulas num tom de voz mais baixo; e muitas vezes terminávamos com uma leitura.